

## **AUTORIA E SINGULARIDADES NA AQUISIÇÃO DO DISCURSO NARRATIVO**

Denise Gabriel Witzel  
Unicentro-Pr / PG-UnespFCL-Ar

**RESUMO:** Neste artigo, analisamos produções discursivas orais de três alunos em fase de aquisição do discurso narrativo, com o objetivo de mostrar o trabalho interpretativo da criança a partir das marcas de singularidades e da posição de autoria inscritas no texto/discurso.

**RESUMÉ:** Dans cet article, nous analysons des productions discursives orales de trois élèves en phase d'acquisition du discours narratif, afin de montrer le travail interprétatif de l'enfant à travers les marques des singularités et le positionnement d'auteur inscrits dans le texte/discours.

### **Introdução**

Quando inventa ou reproduz uma história, a criança assume uma posição de autoria constituída a partir de um trabalho de interpretação. Tomando como base essa premissa e os conceitos basilares da Análise do Discurso (AD), queremos mostrar como a criança inscreve o que diz em uma rede de formulações discursivas a partir das quais é possível analisar traços de singularidades e de diferenças que constituem um momento de aquisição da linguagem no qual ela luta para se constituir como autor. O objetivo deste trabalho é, portanto, dar visibilidade ao funcionamento discursivo de histórias (re)contadas por crianças que estão ‘aprendendo a narrar’, focalizando prioritariamente seus movimentos interpretativos, suas condutas discursivas, suas maneiras particulares de estar na linguagem/discurso.

### **Análise do discurso: o princípio da autoria**

A Análise do Discurso (AD), edificada por Pêcheux na França, a partir da década de sessenta, nasceu do questionamento sobre o “corte saussuriano” e a epistemologia da Linguística imanente, dedicada, como sabemos, ao estudo da língua enquanto abstração. Para a AD, ao contrário, a linguagem só interessa porque há uma inevitável relação entre a língua e a exterioridade, na medida em que os sujeitos estão inscritos em posições sociais e, portanto, submetidos às conjunturas históricas.

Orlandi (2006), ao explicar que a Análise do Discurso se constitui como uma disciplina de entremeio entre a linguística e as ciências sociais, argumenta que a AD desloca a dicotomia entre língua e fala, propondo uma relação não dicotômica entre

língua e discurso. No discurso, coexistem o linguístico, o social e o histórico de forma indissociada, daí não ser mais possível conceber a literalidade dos sentidos e a transparência do dizer; o equívoco, os outros sentidos possíveis, são constitutivos dos processos de produção dos discursos.

Na AD, o sujeito não é visto como centro do discurso, tampouco se aceita a ideia de liberdade discursiva individual desprovida de inconsciente. À luz dos ensinamentos de Michel Pêcheux e de seus seguidores, podemos resumir a noção de sujeito da seguinte maneira: (i) o sujeito discursivo não corresponde ao sujeito empírico; trata-se de uma posição projetada no discurso; (ii) o sujeito tem a ilusão de ser dono do seu discurso, mas é apenas um efeito do discurso; (iii) ele se constitui pelos *esquecimentos* daquilo que o determina; (iv) a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso ocorre porque há uma inevitável identificação com a formação discursiva que o domina, uma vez que o sujeito é sobredeterminado por pré-construídos, pela memória discursiva (conjunto de já-ditos que sustenta todo dizer). Em suma, o sujeito se constitui enquanto tal, porque existe um efeito da relação entre língua, história e aquele que enuncia. E essa constituição depende das posições que o sujeito assume no discurso. Dentre as diferentes posições que projetam diferentes efeitos de sujeito, há a posição de autoria.

Foucault (2001), ao apresentar certos procedimentos de controle do discurso, postula que o *comentário* e o *autor* figuram como importantes mecanismos de “rarefação dos discursos”. Sobre o comentário, ele afirma que há discursos que são *fundadores de discursividade*, porque estabelecem uma possibilidade indefinida de outros discursos repetirem, parafrasearem, comentarem. Segundo Foucault, “os discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles [...], os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer” (op. cit., p.22).

Observa também que essa separação entre discursos criadores e discursos que comentam não é estanque, constante ou absoluta. Os textos fundadores, não raro, desaparecem e os comentários passam a primeiro plano. Com efeito, “embora seus pontos de aplicação possam mudar, a função permanece; e o princípio de um deslocamento encontra-se sem cessar reposto em jogo” (op.cit, p. 23). Em outros termos, trata-se de um jogo intertextual no qual o texto comentário é fruto de práticas sociais que não refletem apenas a postura individual, mas interage com outros textos numa intertextualidade constitutiva da prática discursiva.

Pelos princípios do comentário, os textos podem se desdobrar em redes parafrásticas ou polissêmicas, na medida em que é possível tanto construir indefinidamente novos discursos como repetir os sentidos do texto primeiro, sem perder de vista que o “novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (op. cit., p. 26).

A autoria, ainda na perspectiva foucaultiana, é o princípio de “agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência [...] é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real” (op. cit., p. 26-28). O autor é, portanto, uma *função* que possibilita a organização do universo intertextual dos discursos, colocando-se como responsável pelo texto que produz. Foucault (op. cit.) acrescenta que, enquanto o comentário limita o acaso do discurso pelo jogo entre paráfrase e polissemia, o princípio da autoria limita esse mesmo jogo pela criação do efeito da individualidade e do eu.

Orlandi (2006, p.24), por sua vez, estende a noção de autoria para o uso corrente, concebendo-a como uma função discursiva do sujeito, diferente da de enunciador e de locutor. Ela argumenta que “a função autor se realiza toda vez que o produtor de linguagem se representa na origem, produzindo um texto com unidade, coerência, progressão, não contradição e fim”. Assim entendido, o autor produz um lugar de interpretação, pois “o sujeito só se faz autor se o que ele produz for interpretável [...] ele inscreve sua formulação no interdiscurso, ele historiciza seu dizer” (op.cit.).

A autoria, nesse sentido, não é um mero exercício de repetição, de memória, mas de produção de sentidos, de formulações inscritas no interdiscurso que provocam efeitos interpretativos. Com essas considerações, Orlandi (op. cit.) assevera que a função autor está atrelada a três modos de repetição: a) *repetição empírica*, que corresponde a um ‘efeito papagaio’, porque se reduz a um mero exercício de memorização; b) *repetição formal*, ou seja, uma repetição que pressupõe uma produção, organização das frases; c) *repetição histórica*, “a que inscreve o dizer no repetível (interpretável) enquanto memória discursiva (interdiscurso)”. É, portanto, essa última forma de repetição que faz com que o sujeito se projete como autor.

## Contexto e metodologia da coleta do material de análise

As produções discursivas que compõem nosso material de análise foram coletadas em uma escola da rede pública de ensino do município de Araraquara-SP. Os sujeitos da pesquisa são três crianças que possuem mesmo nível socioeconômico e têm o português como língua materna. São duas meninas e um menino: Ana Carolina (com 5 anos e 8 meses), Sara (com 5 anos e 11 meses) e Igor (com 6 anos). A elas, foi inicialmente contada uma adaptação do texto “Macaquinho”, de Ronaldo Simões Coelho<sup>1</sup>. Na sequência, elas foram convidadas a (re)contar a mesma história para a professora, que em princípio não conhecia a história. Os dados foram registrados em áudio e em vídeo, sendo posteriormente transcritos de acordo com as normas do projeto NURC.

Esclarecemos que nosso estudo não focaliza um processo de desenvolvimento do discurso narrativo, pois nos interessamos em analisar um momento específico de fala daquelas crianças, em condições de produção escolar ‘não-espontânea’.

O maior desafio de uma investigação como esta é conseguir olhar/ouvir os textos das crianças sem correr o risco de considerar sua fala do ponto de vista do modelo adulto. Até porque, nos modelos behavioristas de análise, por exemplo, pensava-se que a fala da criança era uma *imitação imperfeita* dos modelos dos adultos com os quais convivia. As diferenças eram analisadas como *erros* e a diminuição desses erros é que indicaria a assimilação do modelo representativo do falante adulto (CARVALHO, 2008). Entretanto, o percurso da criança que passa do estado de *infans* para o de sujeito-falante é marcado por mudanças e erros em sentido qualitativo, quer dizer, a heterogeneidade e a imprevisibilidade são constitutivas dessa trajetória. O erro é visto como “um sintoma de que a criança já começa a se descentralizar dos aspectos de atividade comunicativa da língua em direção a tomada de consciência do objeto linguístico”, conforme Lemos (1982 apud PERRONI, 1992, p.16).

São justamente as imprevisibilidades que pretendemos apreender e analisar. Para tanto, devemos considerar uma importante especificidade das condições de produção dos textos que compõem nosso material de análise. Como já foi dito, às crianças foi contada uma história para que essa fosse recontada a outro interlocutor. De tal estratégia metodológica resultaram produções de narrativas *provocadas* no lugar de narrativas

---

<sup>1</sup> COELHO, Ronaldo Simões. *Macaquinho*. Belo Horizonte: Lê, 1985.

espontâneas, deixando em evidência a relação intertextual com o texto-fonte e as marcas determinadas pelas coerções situacionais. Daí nosso olhar e nossa atenção estarem voltados para os efeitos de sentido que vazam da retomada/releitura que as crianças realizaram ao se apropriarem da história contada, quer para reproduzi-la, quer para ressignificá-la.

### (Re)contando e construindo histórias: a emergência de singularidades

Reproduziremos, na sequência, três episódios que correspondem aos três textos orais narrados pelas crianças.

Episódio 1 – Ana Carolina (AC) e a Professora (A)

- sd1<sup>2</sup> AC: ((a locutora canta)) macaquinha sai daqui... macaquinha sai daqui... você tem a sua cama ( ) sua cama
- sd2 - P: aí o que aconteceu com a caminha da macaquinha?
- sd3 - AC: ( ) mamãe... dormiu na cama DEla... a... a mamãe fa/ macaquinha tava com sauDAde e:::... a... depois que a macaquinha não pulo::u... ficou deiTAda com a mamãe quieti::nha né? sem fazer nada... aí ficou com a mamãe... aí fim
- sd4 - P: e a mamãe fez mais alguma coisa?
- sd5 - AC: não... ela dormiu com a macaquinha
- sd6 - P: o que mais tem na historinha para contar?... o que mais você vai contar da história para a professora?
- sd7 - AC: ... aí depois a macaquinha falOU... ela.. ela falou para mamãe que queria fazer... xi/... xixi e a mamãe... foi lá... ligou a luz... aí... ela... ela não fez xixi...e dePOIS... ela pediu para maMÃE... para fazer COCÔ... e aí ela não fez cocô... e dePOIS a macaquinha fez... aí ela... aí ela fez... aí...
- sd8 - P: e depois... o que aconteceu?
- sd9 - AC: aí...tava saindo cocô (mesmo... cherou) e a mamãe estava ( ) e tava fedem:::do..aí... aí... a mamãe (foi dar banho nela) e aí ela tava com sauDADE... aí FOI ( ) tava pulando na barriga da mamãe e a mãe falou assim ((a locutora canta imitando alguém chorando)) “macaquinha sai daqui... macaquinha sai daqui... você tem sua cama ( )/ e eu tenho a minha também”... e a macaquinha não dormiu... aí ela chorou de novo ((a locutora canta imitando alguém chorando)) “macaquinha sai daqui... macaquinha sai daqui ( ) volta para sua cama”... aí dePOIS... depois... aí ela não pulou na barriga da mamãe e dormiu e fim
- sd10- P: Que linda a história (...)

A construção de sentidos em um texto narrativo, seja ele oral ou escrito, pressupõe a instauração de pelo menos duas posições discursivas: a do narrador e a do personagem. Por essas posições, transita um sujeito que não é o “de carne e osso”, mas uma projeção no discurso, uma construção de linguagem. O sujeito que assume o papel de narrador da produção acima inicia dando voz a uma personagem que se dirige a uma outra, denominada macaquinha, ordenando-lhe que saísse de certo lugar especificado pelo dêitico *aqui*. Trata-se de um recorte literal do texto-fonte; uma colagem direta de

<sup>2</sup> SD significa Sequência Discursiva. Cada sequência foi segmentada de acordo com os turnos de fala.

parte do enunciado que foi quatro vezes repetido anteriormente: *macaquinha sai daqui... macaquinha sai daqui... você tem sua cama para dormir macaquinha... por que você não volta para lá?...* Nesse início, prevalece a repetição-memorização (ORLANDI, 2006) e é evidente a dificuldade para desenvolver a narrativa, provavelmente em função da situação de interlocução.

Após a intervenção da interlocutora, a história passa a apresentar alguma sucessão de acontecimentos que, embora sem nenhuma transformação dos fatos narrados, atendem aos critérios linguísticos e estruturais de identificação de um texto narrativo, ou seja: “existência de dependência temporal entre um evento x e outro y; orações que expressam essa dependência temporal constituída essencialmente por verbos de ação; o emprego do tempo perfeito” (PERRONI, 1992, p.20). A dependência temporal se dá, por exemplo, nas estruturas da sd3, pois ao enunciar *a macaquinha tava com saudade (...)* a macaquinha não pulou, ficou deitada, ficou com a mamãe, colocase em discurso o evento *estava com saudades* e este, por sua vez, provoca a ação *ficou com a mamãe (quietinha, sem fazer nada)*. Depois disso, não há mais nada a narrar, e a marca da conclusão da narrativa está inscrita na materialidade textual: *ai fim*.

Nessa sd3, há uma condensação do final do texto-fonte, dando-nos a impressão de que a única parte da história que foi apreendida foi a resolução no momento em que a macaca-filha confessa que quer dormir com a mãe porque sente saudades. Contudo, a reorganização desse episódio provoca deslocamentos que o fazem diferente do texto-fonte, pois no final da outra história, a macaquinha conseguiu dormir sozinha, já que havia matado as saudades que sentia da mãe, ao passo que na versão recontada a macaquinha continuou dormindo com a mãe. Esse deslocamento é reiterado e reafirmado na sd5, o que nos leva a evidenciar o trabalho que o sujeito empreende discursivamente. Ao construir redes de sentidos diferentes daquelas do texto-fonte, o enunciador imprime no texto/discurso traços de singularidade e projeta-se como autor.

Na tentativa de prosseguir com o enredo, o narrador faz uma afirmação que se desdobra em sequências parafrásticas: *ficou deitada com a mamãe quietinha né? sem fazer nada... ai ficou com a mamãe..* Essas formulações também permitem entrever um sujeito que está se empenhando para ajustar os sentidos de acordo com certas escolhas, com vistas a estreitar os sentidos possíveis, pois as diversas hesitações e repetições são indícios da escuta que o enunciador realiza de sua própria fala e da tentativa de ajuste, tendo em vista a interação com o outro.

A interlocutora, não satisfeita com o fato de a história ser tão curta e com tão poucos acontecimentos, propõe nas sds 4 e 6 questões com o intuito de provocar a continuidade da narrativa. A partir da sd6, vários episódios do texto-fonte são recuperados e narrados, ora de forma muito próxima do texto inaugural, tal como é possível verificar na sd7, ora de forma muito distante, com a criação de acontecimentos e a inserção de certas inferências, como na sd9.

Durante a sd7, a narrativa se mantém em discurso indireto e o narrador conta que a personagem pediu para fazer xixi e depois pediu para fazer cocô, mas a macaquinha *não fez xixi e não fez cocô*, exatamente como ocorreu na história que ela ouviu. No final dessa sd, há uma intensificação das hesitações<sup>3</sup> (*e depois a macaquinha fez... aí ela... aí ela fez... aí..*), marcando um momento de (re)formulação do fluxo narrativo.

Tais reformulações são evidentes na continuação e na conclusão narradas na sd9, onde surgem ações completamente distintas das que estão no texto-fonte. Ao enunciar: (i) *a personagem fez cocô*; (ii) *estava fedendo*; (iii) *a mãe foi dar banho na macaquinha*; (iv) *a macaquinha pulava na barriga da mãe*, a criança rompe definitivamente com o outro texto e, além de apresentar episódios inéditos, faz julgamentos de tais episódios, a exemplo da afirmação de que *estava fedendo*. Eis nessa expressão um exemplo de como a criança se movimenta na língua, na cadeia significante, interpretando o próprio enunciado a partir de sua inscrição histórica, na memória do dizer, que nesse caso se materializa na informação *fez cocô*.

Outra característica dessa narrativa são as relações de causa-consequência construídas no desenvolvimento da sd9, corroborando a afirmação de que o sujeito realiza um trabalho com a linguagem com vistas a levar adiante a continuidade dos sentidos. A informação nova, *a macaquinha fez cocô*, serve de justificativa para a ação *precisou tomar banho*; também o fato presente no texto-fonte, de que *a mãe chorou*, precisava de um porquê, e a justificativa encontrada é que a personagem da macaquinha *pulava na barriga da mãe*. Vale lembrar que, do ponto de vista da Análise do Discurso, há sempre um já-dito ao qual os sentidos estão filiados. Assim, os efeitos de sentidos provocados pelo movimento de materialização do histórico nas formas linguísticas da

---

<sup>3</sup> As hesitações são, segundo Koch (1997, p71), uma estratégia de processamento do texto oral. “Elas têm a função cognitiva de ganhar maior tempo para o planejamento/verbalização do texto, (...) [são]condicionadas por pressões situacionais das mais diversas ordens a que estão sujeitos os interlocutores”. Embora a autora esteja se referindo à construção de textos orais de adultos, acreditamos que as hesitações presentes nas narrativas infantis também podem ser explicadas como sendo constitutivas do próprio processo de construção desse tipo de texto.

sd9, somente podem ser apreendidos se for considerada a memória do dizer, o interdiscurso e a polissemia da palavra *pular*.

Sabemos que a expressão *pular na cama da mãe* possui duas possibilidades de interpretação: (i) pular no sentido denotativo, que teria o efeito de saltar, tal como fazem os macacos; (ii) e no sentido conotativo, que no contexto do texto-fonte adquire sentidos associados à ideia de passar de uma cama para outra, prática bastante comum nas crianças pequenas que durante a noite *pulam* para a cama dos pais. No caso da produção narrativa, é evidente que o sujeito realizou uma interpretação bastante singular do enunciado acima, pois, por efeito do interdiscurso, ele atualiza os sentidos de que macaco pula (salta) literalmente; para que haja alguma razão para o choro da mãe, ele cria o episódio de que a macaquinha pulou na barriga da mãe, provocando a dor e, por conseguinte, o choro.

Esse arranjo dos sentidos somente é possível porque a criança não faz uma mera repetição empírica, exercício mnemônico ou efeito papagaio, nos termos de Orlandi (2006, p. 24). Ela apreende os sentidos e reinventa a história original; produz outros sentidos que se encontram na ordem do interpretável, com progressão e coerência. Daí ser possível afirmar que, no desenvolvimento daquela narrativa, instaura-se um sujeito autor do seu dizer. Ana Carolina não somente compreendeu o que lhe foi narrado como também foi capaz de interpretar, posicionar-se ainda que para realizar uma leitura desviante.

#### Episódio 2 – Igor (I) e a professora (P)

- sd10- I: a mãe da macaquinha tava... (...)  
 sd11- I: botou a macaquinha... a mãe da macaquinha tava dormindo... a mãe... ela...ela...tava... a mãe da macaquinha... a macaquinha pulava... ia dormir lá depois ela... ela... que queria fazer xixi  
 sd12- P: fala um pouquinho mais alto... a tia não está ouvindo... e aí? ela ia fazer xixi... e depois  
 sd13- I: é... queria... a mãe dela cobriu ela/... na caminha dela... depois... ela... ela... começou (encher o saco de novo) e depois ela falou que queria fazer cocô  
 sd14- P: e aí?  
 sd15- I: e...e... depois ela... a mãe dela pôs ela para dormir na caminha e cobriu ela... depois ela disse que q/...que...queria comer... tava com fome... e depois ela... ela fa/ ela fa/ ela queria... ela pôs ela para... tava de dia ( ) (tava mamando)  
 sd16- P: depois...  
 sd17- I: depois ela... ela... ela... falou assim que/ que ela gostava de... de... gostava da mãe dela... e depois ela disse assim... que ela... ia juntar os brinquedos para brincar... depois e depois ela... (ela está podendo... não estava mais podendo ir na ( ) de noite ela não enchia mais o saco  
 sd18- P: E depois... tem mais alguma coisa? lembra de mais alguma coisa? não?

Embora os acontecimentos dessa produção estejam narrados de forma bastante sucinta e objetiva, ela mantém uma estreita relação de sentidos com o texto-fonte, na

medida em que sua progressão, bem como a organização de seus episódios, seguem muito proximamente o que foi visto no texto fundador.

Nesse episódio também foram necessárias algumas intervenções da professora, mas esta somente forneceu rápidos apoios com relação às marcas temporais de progressão, como *e aí?*, nas sds 12 e 14, e *depois*, nas sds 12 e 16, o que nos permite observar que a construção da narrativa se deu de forma praticamente autônoma. A partir do tratamento dado ao texto, mais especificamente da seleção e do arranjo dos episódios que foram (re)contados, podemos notar certas realizações singulares se, fundamentalmente, atentarmos para o *jogo de imagem* e os *efeitos parafrásticos* ali trabalhados.

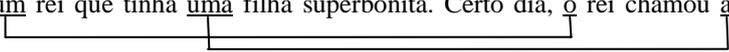
Quanto ao jogo de imagem, Pêcheux (1997) postula que as condições de produção implicam, sob o modo do funcionamento de formações imaginárias, mecanismos de antecipação, ou seja, os participantes do discurso inevitavelmente constroem imagens um do outro, de si próprios e do referente. Conforme o teórico, todo processo discursivo supõe, por parte daquele que fala, “uma antecipação das representações do receptor, sobre a qual se funda a estratégia do discurso” (ORLANDI, 2002, p.84). A exemplo de um jogo de xadrez, segundo Orlandi, o melhor orador é “aquele que consegue antecipar o maior número de “jogadas”, ou seja, aquele que mobiliza melhor o jogo de imagens na constituição dos sujeitos [...] esperando-os onde eles estão, com as palavras que eles ‘querem’ (gostariam de, deveriam etc.) ouvir”. (op.cit., p.41,42).

Considerando que o sujeito é capaz de se colocar no lugar de seu interlocutor e, assim, antecipar-se quanto ao sentido que suas palavras podem produzir, na produção discursiva acima, o sujeito-criança, em suas primeiras experiências com o discurso narrativo, deixa vestígios em seu texto das representações/imagens do interlocutor. Se tomarmos a pergunta ‘quem é minha interlocutora para que eu lhe fale assim e não de outro modo?’, o funcionamento linguístico-discursivo do texto apresenta a seguinte resposta: ‘alguém que já conhece a história’.

A primeira evidência desse jogo de imagem está logo no início da sd10, quando o narrador enuncia *a mãe da macaquinha tava*. É, possivelmente, porque o sujeito se vê em uma relação dialógica na qual o outro sabe de que mãe e de que macaquinha se tratam que ele utiliza uma estrutura linguística determinada anaforicamente pelo artigo definido *a*.

Sabemos que, em Língua Portuguesa, um dos usos correntes dos artigos definidos é o de fazer referência a algum objeto/elemento anteriormente apresentado pelo artigo indefinido. Um exemplo que tem a ver com nosso material de análise são os inícios dos tradicionais contos infantis, onde há uma descrição indefinida na primeira referência e descrições definidas (ou pronomes anafóricos) nas referências seguintes, conforme explicação e o seguinte exemplo de Ilari (2003, p. 62)

Ex: Era uma vez um rei que tinha uma filha superbonita. Certo dia, o rei chamou a filha e assim falou...



Muitas outras sds corroboram a construção da imagem de um interlocutor que *já sabe*. Lembremo-nos de que é a professora de Igor que assume o papel de interlocutora, e isso nos faz pensar na imagem de professor que, *a priori*, está condicionando os dizeres durante a (re)contação da história. Professor é sempre aquele *que sabe*.

Nos episódios que são narrados na sequência, os sentidos somente podem ser interpretados se o leitor/ouvinte acionar os sentidos da narrativa preexistente. Por exemplo: a sucessão dos eventos focalizados pelo narrador limita-se a ser uma continuidade de ações da macaquinha que primeiro *queria fazer xixi*, depois *queria fazer cocô*, para, finalmente, querer *comer*. Ou seja, ele conta apenas uma parte dos acontecimentos, deixando que as demais ações fiquem em suspenso, pois ele não faz qualquer menção ao fato de que a macaquinha dissimulava, dava desculpas para ficar com a mãe. Há, de um lado, o reconhecimento por parte da criança de que a interlocutora conhece os eventos e que, por isso, não haveria necessidade de narrá-los; de outro, a relação singular do sujeito com a língua, mostrando que os sentidos são efeitos que se produzem no interior de certas condições de produção, das quais fazem parte as construções imagéticas.

Vale também recuperarmos a colocação em discurso das expressões *Encher o saco*, *sd13*, e *não enchia mais o saco*, *sd 17* e discuti-las à luz da noção de paráfrase, isto é, do deslizamento dos sentidos (PÊCHEUX, 1997). O termo paráfrase é comumente empregado para designar uma prática de reformulação pela qual se produz um novo texto que mantém identidade semântica (sinonímia) com o texto-fonte. Contudo, nas formulações da AD, essa noção está intrinsecamente ligada à noção de interpretação, pois se parte do princípio de que ao parafrasear um texto o sujeito não apenas restaura seus sentidos, mas, sobretudo, ele os interpreta.

Segundo Orlandi (1996, p. 68), a interpretação está vinculada à memória sob dois aspectos: a memória institucional (o arquivo) e os efeitos da memória (interdiscurso): “se no âmbito da primeira a repetição congela, no da segunda a repetição é a possibilidade mesma do sentido vir a ser outro, em que presença e ausência se trabalham, paráfrase e polissemia se delimitam no movimento da contradição entre o mesmo e o diferente”.

A paráfrase, portanto, liga-se ao fato de que o sujeito precisa ser afetado pela língua, e para que suas palavras tenham sentidos, “é preciso que elas já façam sentido”, conforme Orlandi (2002, p. 33). Diante desse ‘dizível’, ‘repetível’, interrogamos sobre os efeitos de sentido das expressões produzidas em torno de *encher o saco* que emerge do discurso de Igor em uma nítida relação parafrástica com o texto inaugural.

O uso dessa expressão surpreende por duas razões: primeiro, porque é uma expressão que, embora frequentemente utilizada em situações de interlocução marcadas pela informalidade, ou, no limite, por desvios do padrão, na situação comunicativa em que ela emerge, provoca o humor que, segundo Del Ré (2006, p. 33), pode ser considerado um *humor ingênuo*, na medida em que resulta de um “discurso espontâneo da criança [...]”, da sua sinceridade. Além disso, e esta é a segunda razão, não temos dúvidas de que os enunciados produzidos a partir daquela expressão resultam de uma tomada de posição do sujeito que, a partir da rede parafrástica que disponibiliza as possibilidades de dizer o mesmo, resume e avalia as atitudes da macaquinha por meio de um gesto de interpretação absolutamente singular. *Encher o saco*, portanto, é a atribuição de sentidos ao *já-lá*; é a ocupação do espaço de sujeito-leitor-intérprete e isso, como vimos, lhe confere o lugar de autoria na produção do discurso.

Episódio 3 - Sara (S) e a Professora(P)

sd19 S: era uma vez... a mãe da macaquinha macaca... aí (...) era uma vez... a mãe da macaquinha macaca... a mãe dormia junto com a filha... a ma::... dormia junto na cama da mãe.. aí... ela falou assim.. ((a locutora canta)) “macaquinha sai daqui... macaquinha sai daqui... você tem sua cama para dormir... então... vai para lá”... e ela cho::rou... falou assim “é que eu estou com uma vontade de fazer xixi”... aí a mãe acendeu a luz... levou e botou... ligou a torneira... e aí ela... ela... não saiu nada..e aí... depois a mãe dela colocou ela para dormir... e colocou o cobertor nela... deixou só os olhinhos de fora... aí... ela depois que a mãe dela saiu... aí ela pulou de novo na cama da mãe e ela... e a mãe falou assim... ((a locutora canta)) “macaquinha sai daqui... macaquinha sai daqui... você tem sua cama para dormir macaquinha... então vai para lá”... aí ela queria fazer cocô... a mamãe dela botou ela para fazer cocô... aí depois né? não saiu nada né? ( ) colocou ela para dormir... cobriu ela e deixou só os olhinhos de fora e aí saiu... e aí depois ela pulou de novo na cama da mãe dela e aí ela falou... ((a locutora canta)) “macaquinha sai daqui... macaquinha sai daqui... você tem sua cama para dormir macaquinha... então vai para lá”... aí né? depois.. ela... ela... ela...

chorou... e disse assim... e a mãe dela foi lá... colocou... colocou uma( ) de banana para ela na mamadeira dela e ela bebeu até... até no fundo... aí depois... ela... ela... a mãe cobriu ela... depois... ela...ela...cobriu toda a filhinha né? e falou... é:::.... depois ela ( )... tinha uma cama... aí depois ela pulou de novo né?... aí... ela... chorou... a mamãe... falou assim ((a locutora canta)) “macaquinha sai daqui... macaquinha sai daqui... você tem sua cama para dormir macaquinha... então vai para lá”... ela... aí... aí... depois... aí né? ela aí... depois... ela... ela...depois ela falou ( ) no outro dia ela queria só brincar com a fi::lha... começou a levar os brinquedos junto com a mãe... aí ela... ( ) depois a mãe dela colocou comida para ela e ela dormiu... é isso

sd20 P: (P): que bonita a história... como chamava a história?

sd21 S: (S): a macaca e a filha da macaca

Esse episódio em particular revela um sujeito bastante familiarizado com os mecanismos e as regras da narrativa, a começar pelo uso da tradicional expressão *Era uma vez* que é, como já dissemos, uma das características mais marcantes das aberturas das narrativas infantis. Em todo desenvolvimento há um eficiente trabalho linguístico discursivo que mantém a sucessão temporal de ações, de eventos, de transformações, etc. As inúmeras marcas de subjetivação no texto nos mostram um sujeito se esforçando para manter sozinho (sem precisar se ancorar na fala da interlocutora) o fio narrativo, seguindo os mesmos passos, os mesmos dizeres do texto fonte. O resultado é uma produção que reafirma e reformula o texto original de forma bastante clara e coerente, apresentando, além de uma grande densidade lexical, uma complexidade no agenciamento dos sentidos articulados parafrasticamente.

O fato de a interlocutora não precisar intervir durante a apresentação da história, salvo na sd20, quando ela elogia a história contada e pergunta qual é o título, é bastante significativo, pois ao construir um discurso monologizante, recorrendo em vários momentos aos diálogos entre as personagens, sua produção vem ao encontro do que afirma Lemos (2008): a criança com 5 anos consegue contar uma história, ou um acontecimento, sem precisar se ancorar na fala de um adulto.

Voltando-nos para a ideia de que a autoria é uma atividade interpretativa do sujeito em relação ao discurso, vale notar algumas particularidades que marcam esse espaço no funcionamento discursivo do episódio 3. Na segunda linha da sd 19, o sujeito enuncia, hesita, percebe um erro na formulação do enunciado e, finalmente, reformula sintática e, por conseguinte, semanticamente o seu dizer, de modo a adequá-lo aos sentidos do texto-fonte. Após enunciar *a mãe dormia junto com a filha*, o sujeito corrige e passa a informar que [a filha] *dormia junto na cama da mãe*. As correções, as hesitações e as substituições são lugares de um efeito de subjetivação, na medida em

que ocorre uma interpretação do próprio enunciado. O sujeito realiza escolhas a partir de uma intervenção em seu texto, ajustando-o na rede de significações possíveis.

No avançar da história, o narrador dá voz à personagem mãe da macaquinha que pede, por meio de uma música, para sua filha voltar para a cama. Se compararmos com o que consta no texto inaugural, há um pequeno, mas significativo deslocamento e ressignificação na estrutura do enunciado. No texto-fonte, o narrador disse: *macaquinha sai daqui... macaquinha sai daqui... você tem sua cama para dormir macaquinha... por que você não volta para LÁ::?*"; ao (re)contar essa passagem, o personagem diz ... *macaquinha sai daqui... macaquinha sai daqui... você tem sua cama para dormir... então... vai para lá*". A oração que antes se iniciava com o pronome interrogativo *por que* cede lugar para a uma nova construção organizada a partir da conjunção conclusiva *então*. Os efeitos de sentido dessa alteração implicam duas posições distintas dos sujeitos: enquanto no texto original, há uma tentativa de diálogo com a personagem macaquinha, deflagrada pela pergunta, na variante o sujeito que assume o lugar de narrador da história emerge de forma autoritária, silenciando qualquer possibilidade de resposta da personagem macaquinha.

As demais marcas de singularidade existentes nessa produção discursiva retomam o que já observamos. Para concluir, queremos reiterar que, ao longo de toda a narrativa, o sujeito faz incursões sobre seu dizer com o objetivo de levar adiante seu discurso. Apesar de ter sido guiada pela história contada, por um modelo, percebemos que, ao (re)contá-la, Sara interpreta a outra história e, no curso do (re)conto, interpreta sua própria história. Nessa atividade o sujeito se individualiza por um gesto particular de construir seu texto e é isso que o faz deslizar para o lugar de autoria.

### **Considerações finais**

“A aquisição da narrativa é um indício importante de uma nova relação da criança com a linguagem. É o momento em que ela não depende mais da interpretação/enunciado imediato do outro/interlocutor, em que a progressão de seu discurso já repousa sobre sua própria possibilidade de, interpretando o já-dito, lançar o que está por dizer” (LE MOS apud PERRONI, 1992, p. 15). Orientando-nos por essa ideia, propusemos uma investigação sobre a aquisição do discurso narrativo, partindo do princípio de que a criança, ao ser capaz de sozinha contar histórias, realiza uma prática discursiva histórica, social e culturalmente indissociável do ser humano, notadamente marcada pelo lúdico e pelo uso da linguagem vinculada ao prazer e ao encanto.

Mostramos que as crianças inscrevem seu dizer em um saber discursivo, no interpretável, por efeito do interdiscurso. Tendo em conta que a figura do autor é uma posição enunciativo-discursiva do sujeito, caracterizada pela responsabilidade do seu dizer e pela tentativa de controle do sentido com vistas a se fazer entender por seus interlocutores, vimos que as produções discursivas analisadas permitem entrever sujeitos-crianças ocupando um lugar de autoria, ressignificando o já-dito, dando aos sentidos já existentes uma interpretação particular, singular.

### Referências

- CARVALHO, Glória. A mudança em aquisição de linguagem: levantamento de questões sobre a singularidade da fala da criança. Disponível em <http://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/view/2785/2778>. Acesso em 20/04/2008.
- DEL RÉ, Alessandra (Org.) *Aquisição da Linguagem: uma abordagem psicolinguística*. São Paulo, Contexto, 2006, p. 13-44.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2001.
- ILARI, Rodolfo. *Introdução à Semântica: brincando com a gramática*. São Paulo, Contexto, 2003.
- KOCH, Ingedore G. V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.
- LE MOS, Claudia. Desenvolvimento da linguagem e processo de subjetivação. <http://www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling17.htm>. Acesso em 20/02/2008.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Interpretação. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- PÊCHEUX, M. & FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e perspectivas. In GADET, F. & HAK, T. (Org.) *Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à Obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1997.
- PERRONI, Maria Cecília. *Desenvolvimento do discurso narrativo*. São Paulo, Martins Fontes, 1992.